

DESTAQUE

CORONAVÍRUS

Maria reinventou-se como professora. Agora é a vez das escolas

“O que tinha desenvolvido melhor já não valia nada”, confessa esta professora de Artes Visuais contratada. Maria Coelho teme que a crise traga um desinvestimento nas escolas e traga também desemprego

Reportagem
Vera Moutinho

Na primeira semana de quarentena, Maria perdeu-se entre a exaustão e o piloto automático. Madrugada dentro, quando o marido, Diogo Salvador, e os três filhos – Simão, de 11 anos, Margarida, de 9, e Xavier, de 3 anos – já estavam a dormir, Maria dava por si a refazer uma e outra vez um horário semanal das actividades da família. “Com umas olheiras gigantes, eu voltava àquele horário e dizia: ‘Isto tem de melhorar’”, conta a professora de 42 anos. O mapa que ditava as horas de aulas, ginástica, dos momentos de lazer e descanso, deveria estar afixado no frigorífico assim que os filhos acordassem. “Eu achava que aquilo era a receita da harmonia.”

Ao mesmo tempo que procurava dar rumo a uma vida que agora acontecia exclusivamente dentro de quatro paredes, Maria tentava gerir o *tsunami* do ensino à distância. “Montar um sistema de raiz, as escolas não estavam preparadas para isso, e rodeada dos meus três

filhos. Foi horrível, mas não fiquei bloqueada.” Avançou.

Por todo o país, milhares de professores tiveram de se adaptar a um ensino à distância forçado e a várias velocidades. A maioria dos professores do ensino básico e secundário deu aulas recorrendo a plataformas de *e-learning*, enviando trabalhos por *email* ou recorrendo às aulas síncronas. Como professora de Artes Visuais, Maria desenvolveu ao longo dos anos o seu método de ensino assente no cariz oficial das aulas e numa relação muito próxima com os alunos.

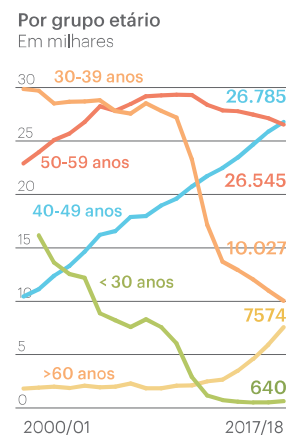
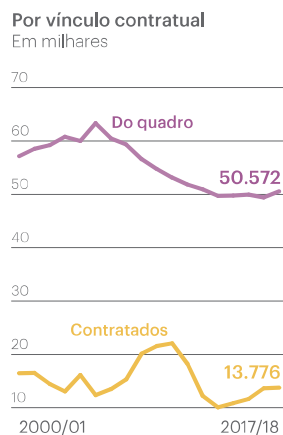
“Nunca fui muito de vídeos, *powerpoints*, queria que eles me vissem a desenhar no quadro. Isto tirou-me o tapete completamente”, recorda. “Agora precisas da tecnologia, reinventa-te. Aquilo que eu achava que tinha desenvolvido melhor já não valia nada.” Acabaria por ultrapassar os obstáculos, encarando-os como desafios: mobilizou-a o facto de muitos alunos não terem, pelo menos na fase da quarentena, materiais com que trabalhar.

“Também comecei a trabalhar mais com os outros colegas de

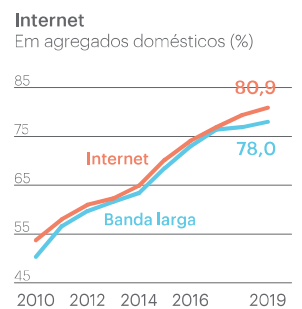
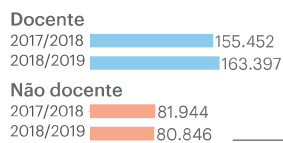


Com três filhos em casa e o marido também em tele-trabalho, Maria resistiu a um “tsunami”

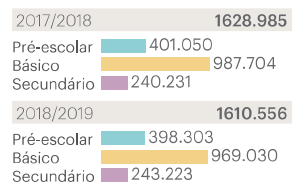
Docentes do 3.º ciclo do ensino básico e secundário público
Rede do Ministério da Educação, no continente, 2000/01 – 2017/18



Evolução do pessoal



Alunos em Portugal*



* Inclui alunos jovens (até aos 18 anos) e adultos em ofertas de formação do ensino básico e secundário



RUI GAUDÊNCIO

Tenho conseguido sempre colocação, felizmente.”

Este ano teve a seu cargo turmas do 7.º ao 9.º anos e uma direcção de turma que lhe impôs um sentido de alerta constante. “Disponibilizei o meu telefone a toda a gente, o que não me permite acalmar, desligar”, confessa. Diz que os professores encaram a nova realidade de ensino com sentido de missão, mostrando-se flexíveis com os alunos, oferecendo um acompanhamento total. “Tive situações de telefonar todos os dias de manhã a um aluno, que vi que estava mais perdido. Dizer-lhe que era hora de acordar, que lição é que tinha de ir ver, o trabalho que era para entregar.”

Não acertar no “alvo”

Em casa, Maria e Diogo esforçaram-se por acompanhar os três filhos. Invasiva por um sentimento de culpa, Maria não queria falhar nos dois papéis que agora pareciam lutar entre si: professora e mãe. “Nos tempos que estávamos em casa com os miúdos, eu não estava focada no trabalho, muito menos a olhar para um ecrã. Isso mudou.”

Simão, o mais velho, foi o que reagiu melhor ao confinamento, gerindo bem as aulas que se fizeram sobretudo por *email* e feliz por poder estar mais ligado às tecnologias. Margarida, um “furacão de energia”, precisou de mais apoio com as aulas síncronas e atenção. A frustração de não poder ir ao parque na sua rua, onde habitualmente passava os fins de tarde, levava-a a virar a “casa do avesso”.

Durante várias semanas, mobilizaram-se para todos os dias às 22h baterem palmas à varanda, em noites em que também houve pequenos concertos com vizinhos músicos. “Mas, de todos, o mais difícil foi o Xavier”, recorda Maria. Com apenas três anos, reagiu mal às tarefas que a educadora enviava por WhatsApp e sobretudo às alturas em que pais e irmãos estavam focados em trabalhar. “Houve momentos em que senti que o Xavier estava um bocadinho ao abandono.”

Agora, Xavier já bate à porta do



Custa muito avaliar nos mesmos termos alunos que não têm as mesmas condições que outros em casa

Maria Coelho
Professora

escritório e pergunta à mãe: “Estás a trabalhar? Depois vens brincar?” Diogo tentou encaixar-se nos longos horários de Maria, trabalhando nas janelas de oportunidade que o dia permitia. Confessa que o ensino à distância foi a grande fonte do caos dos últimos meses: “Foi um *tsunami* que deu conta do trabalho, das rotinas todas, de tudo. Era como um alvo em movimento no qual não conseguia acertar.”

Maratona final

O final do estado de emergência trouxe alívio à carga familiar. Começaram por visitar os avós, salvaguardando o distanciamento social, e dar passeios de bicicleta ao final do dia. “A essa hora, as pessoas já estão mais recolhidas e vamos até ao Olho de Boi ou ao Ginjal, em Cacilhas. Os cinco de bicicleta é muito giro. O Xavier vai na cadeirinha e eu reparo nele de braços abertos... a liberdade.”

O desconfinamento foi alargando limites na própria rua, junto dos vizinhos com quem nos últimos anos desenvolveram relações próximas de amizade. No final de 2018, Maria e Diogo fizeram parte de um grupo que se mobilizou e conseguiu o apoio da junta de freguesia para instalar um parque infantil nas traseiras dos prédios. O espaço tornou-se ponto de encontro para as famílias, deu origem ao colectivo de artistas Estuário e nas últimas semanas fizeram melhorias no jardim, plantando árvores. Chamaram-lhes os “novos inquilinos em desconfinamento”.

Em breve, terão também uma biblioteca exterior. As diferenças no comportamento do filho mais novo foram imediatamente visíveis para Maria. “O Xavier está muito mais equilibrado, muito mais feliz, já não pede tanto a chucha. O dia corre muito melhor agora, os outros vizinhos comentam o mesmo.”

No que toca à escola, a fase final de avaliações voltou a deixar Maria assoberbada entre aulas e reuniões. E com muitas dúvidas: “Há alunos que falharam redondamente. Vão chumbar ou passar? Custa muito avaliar nos mesmos termos alunos que não têm as mesmas condições que outros em casa. Penso em alunos que possam estar num

contexto de violência doméstica: como é que eu consigo penalizar esse aluno que não cumpriu?”

No pico da quarentena, engolida pelo *tsunami*, ainda chegou a pôr-se no papel de ministro da Educação e tirar lições dos tempos de pandemia para a escola e para as famílias: que bom seria diminuir o número de alunos por turma e reduzir as horas que passam na escola, o que melhoraria o desempenho de professores e alunos. Algo que obrigaria o Estado, no entanto, a apoiar os pais num trabalho a tempo parcial. No turbilhão que passava pela sua cabeça, Maria também projectou o extremo oposto e confrontou-se com receios antigos: “O que pensei foi: agora vem aí uma crise e vai voltar tudo atrás. Vão aplicar novamente medidas de austeridade, grupos de turma enormes, penalizar a área das Artes — porque é sempre assim — e se calhar vou ficar no desemprego ou ter condições de trabalho muito más.”

Para Maria e Diogo, o lado positivo da pandemia foi o tempo que passaram juntos em casa, simplesmente por estarem uns com os outros. “Os miúdos estão a crescer e acabamos por nos conhecer noutra circunstância. Também viram como é que eu reajo a este stress, espero que tenha sido positivo”, diz Maria.

No meio do caos, Maria voltou a pintar e a desenhar. Ainda está a “lamber as feridas”, mas a voltar a algo próximo do normal. “O Xavier todos os dias pergunta: ‘O coronavírus já acabou?’”, conta Maria. “Ainda não, mas está quase”, responde.

vera.moutinho@publico.pt



Retratos da pandemia

Série de dez reportagens com retratos de pessoas e famílias



Acompanhe em
publico.pt/retratos-da-pandemia

artes, estamos mais unidos”, reconhece.

Manter a família “à tona”

Uma semana depois do início da quarentena, Diogo, especialista de Informática na Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros, entrou também em teletrabalho. Juntos delineararam um plano para que a família se mantivesse à tona. “Fomos conversando, melhorando, falando com os miúdos”, recorda Maria. No plano familiar, as coisas foram “encarrilhando”, mas o ensino à distância, mesmo agora que se aproxima da fase final com as avaliações, ainda é uma “montanha-russa”.

“Tive de me adaptar a novas plataformas digitais e não tinha tempo para fazer as mil formações que a minha directora sugeria.” Formada em Belas-Artes, Maria é professora de Artes Visuais há 20 anos. Está há dois na Escola Básica Costa de Caparica, em Almada. “Por sorte”, diz. É professora contratada. “Contínuo em situação precária, em Agosto fico mais ou menos desempregada, é sempre incerto.